

INTRODUÇÃO

Não sei bem porque, mas tenho sentido um desejo de retomar algumas anotações que escrevi acerca de minha experiência pessoal na vivência de um chamado de Deus, talvez porque acredite que, com isso, possa ajudar a se manterem firmes no caminho outras pessoas que desejarem também fazer da vontade de Deus o centro de suas vidas.

Na verdade, ainda não posso dizer que consegui viver essa vontade plenamente, embora o deseje com veemência. Porém, mesmo em face de todas as dificuldades, quedas e fracassos, vou tentando me manter fiel ao chamado que tive, e acredito que o Senhor, na sua misericórdia, me sustentará. Procuro então viver a graça de cada dia.

O importante na caminhada espiritual não é buscar conquistas, mas apenas manter-se no caminho, permitindo que o Senhor, aos poucos, nos vá transformando e convertendo, porque a nossa conversão é um trabalho de Deus em nós, e para que isso aconteça temos todo o tempo de nossa vida. Não devemos ter pressa, e sim, termos paciência com nós mesmos. No momento em que tivermos certeza disso, teremos também paciência para esperarmos a conversão de nossos irmãos, pois eles também precisam de um tempo. Fica mais fácil acolhermos os limites das outras pessoas quando damos um crédito de tempo para a sua conversão, pois, assim como nós, as pessoas não são melhores porque não conseguem e precisam de tempo para deixar Deus trabalhar em suas vidas.

O porquê da escolha de Deus por mim, nunca entenderei, pois na verdade sou uma pessoa cheia de defeitos, marcas e limites, e nada possuo de especial que possa justificar a confiança que o Senhor tem demonstrado nas missões que me foram entregues. Porém, sinto-me chamada a um comprometimento com o Reino, e desejo viver esse compromisso.

Gostaria de deixar para os meus filhos e netos o conhecimento de minha experiência de Deus, para que eles possam entender o que se passou no meu coração e o que me levou a seguir um caminho bem diferente daquele para o qual fui preparada pela minha família, e diferente também da formação profissional que tive. Sendo assim, vou procurar ser fiel a tudo o que me foi revelado pelo Senhor através de pessoas que Ele

colocou na minha vida, bem como, através de Sua própria instrução.

Não possuo grande bagagem de conhecimentos teológicos, e, na verdade, isto nunca foi muito o alvo da minha preocupação, porque, certa feita, em oração através do Salmo 32,8 o Senhor me disse:

Vou instruir-te, indicando o caminho a seguir, com os olhos sobre ti, eu serei teu conselho.

Essa palavra ficou muito forte em mim e sempre volto a ela em minhas reflexões. Por esta razão, fico sempre atenta aos acontecimentos na minha vida, já que eles sempre me ajudam a discernir o caminho a seguir, porque aprendi que Deus nos fala através dos acontecimentos e das pessoas. Às vezes, observando atentamente os fatos, descubro um novo caminho a seguir; outras vezes, encontro nas palavras de alguém a resposta para minhas dúvidas e indagações. *É Deus falando comigo.* Portanto, temos que estar sempre atentos para ouvir os recados de Deus para nós.

Recentemente, fazendo uma visita a uma companheira de caminhada que está enferma, ouvi de sua irmã,

que também está no caminho, a seguinte pergunta: *Por que não escreve sobre a sua vida?* Ao que respondi: *Sobre minha vida não, mas sobre a minha caminhada espiritual já fiz algumas anotações acerca do que Deus me ensinou.*

Esse questionamento ficou muito forte em mim, e percebi assim que o Senhor me mandava continuar o trabalho que havia começado, pois, até então, eu só havia escrito sobre Direito, especificamente Direito à Saúde. Resolvi, portanto, dar seguimento a essa proposta.

Se prestarmos atenção ao que acontece à nossa volta, percebemos que em tudo há um fio condutor, uma explicação que às vezes só vai se tornar clara para nós algum tempo depois. Na vida não há nada sem sentido, porque, para cada um de nós, há um projeto pessoal de Deus a ser atingido através de nossa vida.

Tudo que experimentei em minha vida, que me foi ensinado e revelado nesses anos de caminhada, foi moldando em mim uma perspectiva de vida e de valores diferentes, que me impulsionaram a adotar posturas novas na minha maneira de viver. No início, nem sempre era compreendida pelas pessoas, principalmente por minha mãe.

É interessante que às vezes as pessoas mais

próximas são aquelas que mais reagem às nossas mudanças, talvez por excesso de preocupação conosco, ou porque o novo sempre assusta; ou ainda porque fugimos do controle delas. Um novo caminho muitas vezes assusta, outras vezes intimida, mas na verdade sempre nos faz crescer como pessoas.

O que mais prejudica a nossa caminhada espiritual ou o nosso crescimento como pessoa é permanecermos instalados em conceitos, preconceitos, ideias ou valores. Temos que estar sempre abertos para acolher as novidades de Deus e nos deixar conduzir por Ele, acreditando que Ele sabe o que faz, porque DEUS NÃO ERRA.

Certa vez encontrei em um mural de uma casa de retiro a seguinte frase:

Deixe-se conduzir porque você nem sabe o que Deus é capaz de fazer por você.

Quando as mudanças em minha vida ficaram mais definidas e passei a me envolver mais com a realidade social dos

excluídos, minha mãe, temendo pela minha segurança, ficou assustada, e sua reação contra o que eu fazia era de temor. Ela reagia e pedia a todo instante que eu não me envolvesse com o tipo de pessoas que passaram a ser alvo de minha preocupação e atendimento, e que eu fechasse a instituição que eu havia fundado para dar atendimento aos pobres das calçadas, ou moradores de rua, como passaram a ser conhecidos. Ela temia pela minha segurança porque entre eles havia ladrões, assassinos, bêbados, drogados, e todos eram acolhidos com muito amor, no serviço de albergagem que prestávamos.

Somente Carlinhos e Beto, meu esposo e filho, respectivamente, nunca me cobraram nada, nunca reclamaram quando me ausentava para cuidar dos pobres; Mônica, minha filha, sempre teve muita dificuldade de aceitar a minha missão.

Deus preparou o meu marido para me acolher dentro do meu chamado, e isso sempre foi para mim motivo de muita alegria e reverência para com ele, porque sei que não é fácil entender os desígnios de Deus quando não estamos dentro do contexto da graça.

Quando havia alguma festa na casa de amigos, ou aniversário, eu chegava sempre no final porque todas as noites

estava comprometida com os pobres. Muitas vezes ouvi meus amigos, em tom de crítica, perguntarem: *Cadê Angélica, Carlinhos, ainda está com os pobres dela?* E meu marido simplesmente calava a todos eles dizendo: *É a missão dela.* E quando eu chegava, ele me recebia como se eu estivesse com ele desde o início da festa. Era muito bonito ver a ação de Deus também na vida dele. Deus havia preparado o coração dele e dos meus filhos para acompanharem o meu chamado, e fará isso com todos aqueles que se entregarem à missão com confiança nEle.

Ninguém deve ter medo de assumir o seu chamado pessoal de Deus com medo de que esse chamado interfira na família, porque se você se entregar, Deus cuidará de tudo e de todos; precisamos apenas confiar no amor dEle.

No dia que experimentei esta confiança, fiz uma música que dizia:

Eu confio no amor de Deus, e sei que Ele não me faltará

Eu confio no amor de Deus, e sei que Ele não me faltará

Estará sempre ao meu lado, dando as forças que eu precisar

Ele não abandona seu povo, de mãos dadas eu

vou caminhar.

Todas as vezes que surge alguma insegurança ou me sinto fragilizada com os acontecimentos de minha vida, começo a cantar a minha música e me sinto renovada. É como se o Senhor me dissesse: *Coragem minha filha, eu estou aqui.*

Como me sinto movida agora a fazer essas pequenas anotações, entrego-me nas mãos do Senhor, para que consiga transmitir para vocês, pelo menos parte da graça que recebi de Deus, em um chamado que eu não sei para onde me levará. Mas, Ele sabe.

OS PRIMEIROS SINAIS DO CHAMADO

Desde a minha infância, já existia em mim uma inquietação em relação à pobreza, embora tenha nascido em uma família de recursos estáveis. Contam alguns parentes que várias vezes, ainda criança, fui pega distribuindo a minha mesada com os meninos que vendiam pirulito, e comprando presentes para as crianças mais pobres. E isso acontecia naturalmente, por uma inquietação que eu sentia, vendo a distância social entre a minha vida e a vida deles. Desde criança essa situação de injustiça já me incomodava, e este sentimento me acompanha até hoje. Não consigo ficar indiferente à grande diferença social existente no Brasil, e isso sempre me inquietou.

Ainda pequena, eu via minha mãe dar assistência às famílias pobres que moravam em uma praia de veraneio onde todos os anos passávamos o verão. Ela visitava pessoas conhecidas que estavam doentes, socorrendo-as em suas necessidades materiais, levando remédios e aplicando injeção quando elas estavam doentes, e eu apenas acompanhava essas visitas.

Todavia, foi quando eu tinha a idade de 16 anos e estudava interna no Colégio Assunção na cidade do Rio de Janeiro, que pela primeira vez tive contato com um serviço

organizado de atendimento a pessoas carentes no Morro de Santa Tereza. Foi lá que descobri a vocação que marcou o resto da minha vida, que era trabalhar com os pobres, ao lado deles, conhecendo a sua realidade e ajudando-os a ultrapassar a barreira da injustiça social que eram condenados a suportar. Durante dois anos, com o colégio, acompanhei os trabalhos realizados na Favela de Santa Tereza pelas freiras e, retornando para a cidade de Aracaju, organizei um grupo de adolescentes para um trabalho de assistência aos velhinhos de rua, chamado *Clube Regina Mundi*.

O *Clube Regina Mundi* era um grupo formado por jovens que, como eu, se preocupavam em proporcionar um Natal festivo para as pessoas idosas e carentes. Não era nada institucional, apenas jovens com um ideal humanitário. Nossa reunião ocorria em minha residência, e passávamos todo o ano tentando angariar fundos para a realização da festa de Natal que era nosso grande objetivo. Como meu pai, na época, tinha uma loja de tecidos com venda por atacado, recebia das fábricas mostruários de tecidos, e quando essas amostras não mais serviam para a sua loja, ele nos doava, e nós fazíamos peças de artesanato do tipo “pegadores de panela” para vender às pessoas.

Interessante é que nunca tive, até hoje, jeito nem gosto pela costura, mas os *pegadores de panela* eram costurados por mim com tanto amor, que eram dos mais bem feitos que colocávamos aos nossos consumidores, formados sempre por parentes ou amigos. Como éramos jovens e ninguém trabalhava ainda para ter renda própria, usávamos o produto da venda desse